



II Concurso de Contos Guilda Royal House Grimório de Tamriel



ID: @uPumpkin

Título: Faz de Conta

A espada reluziu e avançou para cima, cortando o ar e entrando em contato com o relâmpago súbito que desceu do céu tempestuoso.

“À mim, bravos companheiros! Lutem! Lutem! Lutem!” gritou Gallawan, o cavaleiro, visando em sua frente o exército de xivkyn que rosnava, bradando armaduras escuras e armas pontiagudas. Com um apontar de sua lâmina reluzente, o trovão foi desferido contra três deles, retornando-os ao Porto Frio imediatamente.

“Se depender de mim nenhum deles sairá vivo!” urgiu Narana, a guarda-vermelha se aproximando do grupo de algozes com uma sequência de acrobacias, desferindo flechas certeiras em quatro dos aberrantes inimigos em pleno ar. Ela pousa de joelhos, portando em seus lábios um sorriso satisfeito pelo ceifar da vida dos daedra.

E enfim chegou a bola de fogo, surgindo como uma faísca e crescendo subitamente até se chocar com o chão. Seis dos xivkyn evaporam apenas na explosão, urrando contra o fim de suas vidas atormentadas. “Esste aqui concorrrda com Narrana, nenhum deles sairrá vivo!” grita o altmer, Abellardus o Esperto, após conjurar seu feitiço olhando para o pequeno exército a ser enfrentado. Ele trajava seu robe alaranjado e adornado por muitas chamas inscritas em ouro no tecido brilhante, seu rosto tinha argolas também de ouro que adornavam suas sobrancelhas, nariz e orelhas com mais ouro ainda.

E finalmente chegou a vez de Caius, legionário, legatário da legião imperial, mago-de-batalha, diplomata, audacioso aventureiro, menestrel e batedor do grupo. Portando sua pesada armadura feita do metal dos extintos anões, com seu cajado abençoado pela sabedoria do próprio Julianos, sua espada que um dia pertenceu a um príncipe daedra e seu escudo era de ébano puro.



II Concurso de Contos Guilda Royal House Grimório de Tamriel



O imperial salta no ar, seu corpo é elevado aos céus em um vôo súbito. Ele observa seus inimigos de cima e aponta seu cajado bravamente antes de ser afligido, no último momento, por um sentimento de pena. Ele então recolhe o cajado e decide piedosamente apenas usar suas habilidades naturais contra seus inimigos, desferindo três raios de um vermelho vibrante na direção da multidão daedra, dois advindos de seus olhos, um de seu nariz, derrotando assim cerca de dois mil trezentos e sessenta xivkyn naquele mesmo instante. Vitorioso, ele permanece nos céus, suas asas de dragão se erguem de suas costas e ele observa a destruição absoluta com um sorriso largo em seu rosto.

“Inválido! Inválido!” grita Narana, segurando os dois gravetos que eram seu arco e flecha e observando o imperial com um olhar furioso de seus olhos castanhos. Um vendedor de legumes passa com seu carrinho bem na frente dela neste momento, o que a deixa ainda mais enraivecida.

Gallawan grita “É verdade!” no auge de seus onze anos, com suas bochechas cheias de sardas e seu porte bretão bem apessoado. Ele joga o graveto de sua espada e a panela que era seu escudo no chão, insatisfeito. “Como você pode ser tão forte assim?” o garoto questiona.

“Eu -sou- forte!” afirma Caius, trajando uma pequena túnica vermelha e segurando ao mesmo tempo cerca de quatro gravetos e uma tampa de barril para representar todos os artefatos milagrosos que ele obviamente possuía.

O jovem bretão, Gallawan, rosna e dá um passo à frente, para ficar mais próximo do pequeno imperial. “Não pode!” ele diz, “Me mostra o seu personagem! Cadê ele? Você escreveu ele no papel como eu pedi?” ele era cheio de perguntas e mais cheio ainda de respostas. Um rubor de raiva já subia por sua fronte, bem ali, nas ruas de Daggerfall.



II Concurso de Contos Guilda Royal House Grimório de Tamriel



“É claro que sim!!” responde Caius, “Está tudo escrito aqui. Na minha cabeça!” e então ele aponta para o próprio couro cabeludo, cutucando a si mesmo com um dedinho indicador certo. “Eu só quero saber por que vocês estão reclamando comigo, quando o gato nem joga com um personagem dele mesmo!” Caius então apontou para a quarta figura, peludo dos pés à cabeça, com olhos fendidos, arregalados e trajando uma roupinha encardida de algodão cru.

“Esste aqui acrrredita que um pode jogarr como um belo orrelhudo dourrado.” responde Abellardus o Esperto, ou mais precisamente Bigodes, o jovem khajiit de pelugem negra. Dormia na rua e conheceu o grupo de amigos recentemente. Os considerava estranhos em suas brincadeiras, particularmente pois nenhum deles gostava de peixe.

Narana pisou duas vezes no chão de pedras com força, seus cachos negros farfalhavam em seu rostinho e até ela, com sua compleição bronzeada, parecia avermelhar-se em desgosto. “Se for para brincar assim eu não quero!”

“Caius, não pode jogar só de cabeça, tem que escrever!” diz Gallawen, “Eu sei que eu fiz o personagem do Bigodes, mas você nem me pediu ajuda para fazer o seu!” ele suspira e olha para trás, vendo suas armas jogadas no chão. “Você estragou o jogo.” ele diz, entristecido.

“Eu não sei escrever!” Caius confessou de supetão, cerrando ambos os seus punhos e fazendo uma careta frustrada. Imediatamente o imperial vira-se e sai em disparada na direção do beco entre o banco e um casarão, deixando para trás os três amigos que se entreolham em um desconforto generalizado causado pelo jeito que a brincadeira terminou naquele dia.

É em cima de uma cesta velha que ele se senta, ao lado de algumas caixas abandonadas e uma pilha de palha umedecida pela chuva. Ambas as mãozinhas do pequeno imperial cobrem o seu rosto quando ele abaixa a cabeça entre os seus joelhos. Nenhum deles o



II Concurso de Contos Guilda Royal House Grimório de Tamriel



compreendia e lentamente ele começou a se sentir sozinho e envergonhado pela sua confissão. Como podia um imperial orgulhoso não ser letrado? Caius não sabia responder, pois mesmo com a insistência de seus pais ele jamais conseguiu memorizar os símbolos ou representar mais do que rabiscos sem sentido em suas folhas de pergaminho.

Foi olhando para baixo, quando ele retirou seu rosto molhado de lágrimas de suas mãos, que ele viu a figura que se aproximava. Estava descalço mesmo na sujeira do beco, suas unhas eram grandes, mal cortadas e rachadas na ponta. Quando o garoto subiu os olhos por sua forma, notou que ele trajava um pesado robe negro, com um manto que escondia parte de seu rosto pálido. “Eu vi tudo, Caius.” diz o estranho. Sua voz era rouca e baixa, doce de certo modo, portando para si um calor que o garoto realmente poderia apreciar naquele momento. “Eles não te entendem. Mas não fique triste.” o rosto coberto acena com a cabeça plácidamente, transmitindo para o jovem algum nível de confiança. A mão do estranho se aproxima dele e oferece alguma coisa na altura de seu peito. “Tudo o que você precisa para resolver seus problemas está bem embaixo de seu nariz.”

O estranho estava certo. Caius pensou. O problema não era ele, eram eles. A brincadeira de faz-de-conta foi inventada por Gallawen para humilhá-lo, o escriba em sua casa era um incompetente e não o ensinou a escrever direito e a culpa disso era de seus pais, que o contrataram.

As lágrimas param de verter em seus olhos e suas sobrancelhas se franzem, formando pequenas rugas em sua testa. A mão do garoto se encontra com a do estranho e assim ele aceita o item que lhe foi oferecido.

Gallawen sentia-se culpado. Depois de conversar com os outros ele decide seguir para o beco, deixando-os para trás. Seu desejo era pedir desculpas para seu amigo imperial e prometer a ele que o ajudaria a consertar seu personagem para o próximo jogo. Talvez propor outra brincadeira para o fim da tarde.



II Concurso de Contos Guilda Royal House Grimório de Tamriel



Ele já estava a meio caminho quando Caius surgiu da escuridão do beco, correndo com seu braço erguido e uma pedra pesada em sua mão. O jovem imperial lança seu braço para a frente, saltando contra Gallawen e direcionando a rocha para sua cabeça, errando o alvo da primeira vez e prontamente erguendo-se para um segundo ataque.

O pulso da criança é segurado por uma manopla de aço. Bem ao seu lado, o Guarda do Leão que havia sido designado para vigiar a porta do banco o fita com olhos arregalados. “Você está louco, criança?” ele grita, impedindo novas tentativas por parte do jovem imperial.

Lá de longe, ainda no beco, o estranho sorri. Ele recua para a escuridão e lentamente a deixa engolfá-lo para longe da visão de todos. Sua voz tenra escapa de seus lábios na forma de um murmúrio para alguma outra coisa que lhe fazia companhia, sem ninguém saber:

“Vê, meu mestre? A Maça de Molag-Bal. O Cetro de Sanguine. A Lâmina de Mehrunes Dagon... Todos são um desperdício de esforço. A única coisa que você precisa para mover os mortais são as intenções deles mesmos.”

